

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO *ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO*, DE GONÇALO M. TAVARES

Alessandro Carvalho Sales

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: No *Atlas do Corpo e da Imaginação*, do escritor português Gonçalo M. Tavares, buscamos sublinhar o relevo de um conceito de teoria apresentado como uma espécie sofisticada e particular de arranjo, como modo aliás de estabelecer ligações, ou seja, de efetuar aproximações entre coisas e/ou ideias. Todo o acento aqui vai para a noção de ligação como uma maneira singular de conhecer, ou melhor, de pensar. O dispositivo montado pelo escritor nos convida então, permanentemente, à proposição de relações e conexões entre elementos diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Gonçalo M. Tavares; Conhecimento; Ligação; Pensamento.

ABSTRACT: In the *Atlas do Corpo e da Imaginação*, by the Portuguese writer Gonçalo M. Tavares, we emphasize the importance of a concept of theory presented as a sophisticated and particular kind of arrangement, as a way of establishing links, that is, of making approximations between things and/or ideas. The whole accent here goes to the notion of link as a singular way of knowing, or rather of thinking. The device mounted by the writer

then invites us, permanently, to the proposition of relations and connections between different elements.

KEYWORDS: Gonçalo M. Tavares; Knowledge; Link; Thought.

1 | INTRODUÇÃO: UM LIVRO DE OUTROS LIVROS

Atlas do Corpo e da Imaginação, de Gonçalo M. Tavares, é fruto de sua tese de doutoramento, defendida em 2006, escrita na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa e que contava então com 824 páginas. Publicada em 2013 (Editorial Caminho), numa edição requintada em papel *couché*, o leitor que abre qualquer uma de suas 536 páginas é desde logo inserido em encruzilhadas de registro verbovisual, deparando-se ao mesmo tempo com fragmentos textuais, porções iconográficas, legendas poéticas e corredores de notas de rodapé – labirinto de informações.

Sob o aspecto mais estritamente formal e visual, algo de fato já se sobressai. Tudo se passa como se, ao nos depararmos, página a página, com os compósitos de texto, imagens, legendas poéticas e notas de rodapé, os caminhos de visualização, de leitura, de

pensamento proliferassem e se exponencializassem. Cada página é de antemão um pequeno caleidoscópio, espaço aberto de trabalho e de possibilidades a serem percorridas – o que colher e como transpô-las? Nada fica exatamente dado e o leitor precisa inventar suas bússolas, seus instrumentos, seus modos de orientação e de travessia. Há assim o livro dos fragmentos textuais, que constituiria um suposto tipo de fluxo principal. Há o livro das fotografias com as legendas poéticas. Ou bem o contrário, o livro de poemas com legendas fotográficas – e consideremos que não deveríamos nem tanto falar de legendas, mas de algo como deslegendas, já que nada parece funcionar como ilustração que nos restituiria o mesmo ou o semelhante, mas antes relação que estabelece pontes invisíveis para novas diferenças. E há também o livro infinito das notas de rodapé, que pavimentam ainda mais evidentemente a abertura para a alteridade e a pluralidade das vozes.

Há assim diversos livros dentro do livro. O fluxo singular de cada um desses elementos já forneceria diferentes caminhos e é possível acompanhar a obra apenas pelas notas de rodapé, pelas imagens e pequenos poemas ou apenas pelo rumo do texto principal. Mas é realmente interessante como o autor usa a imagem fotográfica para ampliar e provocar os sentidos dos fragmentos (ou vice-versa), sem que os elementos sirvam pois entre si como simples ilustrações. Tudo se passa enfim como se Gonçalo desejasse e nos provocasse em direção à possível renovação da ideia mesma deste objeto chamado livro, segundo uma diagramação que instiga modos variados de leitura ou de captura do leitor, no qual a geografia, talvez uma geografia do corpo, seja aquilo que mais conta.

2 | CONHECIMENTO

Antes de mais nada, precisamos notar algumas das singularidades que vão no bojo da ideia de um atlas. Parece perguntar Gonçalo, ao longo do livro: o que pode sustentar o mundo? Quais seriam o lugar e a força de tal sustentação? Como ela se dá, por quais possíveis procedimentos? Onde ficam, enfim, seus pilares invisíveis e como colocá-los à mostra? Numa palavra, o autor quer *conhecer*, porém, que esboço ganha, em sua visão, o problema do conhecimento?

Evidentemente, são questões ambiciosas, e que o autor busca levar adiante num longo mosaico de ideias que mistura *Teoria, Fragmentos e Imagens* – como indica o subtítulo da obra. São quatro partes: *O corpo no método*, *O corpo no mundo*, *O corpo no corpo* e *O corpo na imaginação*. Todas elas estão compostas em função de uma tessitura fragmentária, segundo a qual cada página vai assomando, como indicamos, de acordo com uma mescla de texto corrido (o fragmento propriamente dito), fotografias, deslegendas poéticas e notas de rodapé.

Mas precisamos aterrar algo melhor esses pontos de vista. Para tanto, tomemos a seguinte citação como entrada:

Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. (2013, p. 39)

O problema das referências, das balizas a partir das quais consideramos a verdade e a falsidade das coisas e das proposições, é certamente relevante para o trabalho de Gonçalo. No entanto, tais referências, de cara, não estão encerradas em algum tipo de lugar último a ser buscado ou desvelado. Reparemos: pesquisamos pois estamos de fato algo desorientados, perdidos; e o avanço da pesquisa não nos conduz necessariamente a um lugar pleno – continuamos perdidos, mas tudo indica que ganhamos algo: ficamos mais fortes, temos mais armas, aliás, argumentos.

Se não há um espaço último a ser alcançado, espaço que consideraríamos de uma Verdade plena ou Referência absoluta, caímos em uma condição de errância, de hesitações, de aproximações: *“Hesitar é um efeito da ação de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação”* (2013, p. 26). Marquemos então que toda investigação é um *processo*, e que envolve uma metodologia pouco convencional, na qual o conhecimento não está dado de antemão, não está implicado numa relação simples e biunívoca entre problema e aparente solução. Como afirma, ainda, o autor: *“Em suma, só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método”* (2013, p. 28).

O método complexo de Gonçalo estabelece uma outra contextura para a noção de conhecimento. Ele nos fornece elementos para uma espécie de salto epistemológico: conhecer passa a ser pensar. Tal concepção segue no bojo de uma historicidade outra, estranha e inesperada, capaz de furar as cronologias tradicionais e tão veneradas. Ele afirma: *“Conhecer é tornar presente; conhecer algo do passado é resgatá-lo desse tempo, é puxá-lo para aqui e para hoje”*. É o que ele aponta, na sequência, como *“tornar contemporâneo”* (2013, p. 37). Pensar é pois tornar contemporâneo, é dispor das ideias num aqui e agora, para além dos modelos históricos, desde que sejam tornadas possíveis relações ou conexões fortes, que deem a ver algo mais quanto aos problemas em tela. E a principal operação aqui envolvida parece ser a chamada ligação.

3 | LIGAÇÃO

Haveria uma tese nesse livro? O que quer enfim propor e sustentar esse *Atlas*? Certamente, precisaríamos anotar de que maneiras Gonçalo enfatiza as condições do corpo e da imaginação, ao tempo em que valoriza certos conceitos de base já a partir do subtítulo *teoria, fragmentos e imagens*. Por essas direções, uma incontornável pergunta: o que entender, no caso, como teoria? Diz o autor expressamente, no item

Síntese, que encerra o livro: “Uma teoria é um sistema de ligações, uma maneira racional de aproximar uma coisa ou uma ideia de outras”. (2013, p. 509) Vemos as singularidades de tais colocações. A teoria é tomada como arranjo, como modo de estabelecer ligações, ou seja, de efetuar aproximações entre coisas e/ou ideias. Claro, todo o acento aqui passa então para a noção de ligação – e de maneira que não devemos também esquecer que, em 2009, havia Gonçalo publicado um pequeno volume chamado *Breves Notas sobre as Ligações*. Esse texto forma, juntamente com *Breves Notas sobre Ciência* e *Breves Notas sobre o Medo*, uma pequena coleção cujo nome não é outro senão *Enciclopédia* (2012).

O dispositivo montado por Gonçalo em seu *Atlas* nos convida permanentemente à proposição de ligações, relações e conexões entre elementos diversos. “Como é que as coisas se ligam?”, interroga textualmente o autor em suas *Breves Notas sobre as Ligações* (2012, p. 71). Como podemos ligar os diferentes componentes visuais de uma simples página de um livro? Acrescentamos: e de maneira muitas vezes a renovar/ampliar os sentidos em pauta, perspectivando e problematizando os objetos, colocando-os sob ângulos inusitados? É o que parece indagar Gonçalo em seu *Atlas*, cuja questão premente é em todo caso, como antes apontamos, a do *conhecimento*, ainda que não se contentando com qualquer ideia estanque de epistemologia. No resumo original que redigiu para seu trabalho de tese, ele afirma: “Defendemos, no quadro dos objetivos da investigação epistemológica, um conjunto de metodologias – formas de usar o pensamento e a escrita”. (TAVARES, 2018) A tese chamava-se, inicialmente, aliás, *Corporeidade, Linguagem e Imaginação*.

Esses métodos se dão pela constituição de caminhos essencialmente desviantes – para falarmos um pouco como Walter Benjamin, citado à página 59 do *Atlas* –, como se estivessem em pauta um pensamento e uma escrita errantes ou andarilhas, formuladas nos termos de tentativas insistentes e sucessivas de ligações. Liberdade de ligações, à condição de que elas não venham necessariamente dadas de antemão. É que “não há ligações fixas, não há ligações electivas, não há ligações boas e más (...) Não há castas de ideias, não há hierarquias” (2013, p. 61-62). Buscam-se, porém, ligações raras, ligações que surpreendam, o que, segundo o autor, nos permite entrar em espaços bem amplos (cf. 2013, p. 61). Numa palavra:

Pensar envolve a liberdade de associações, a liberdade de ligações. As ideias são assim partículas livres que se excitam pela proximidade de outras, que assumem noivados espontâneos, mas não eternos, noivados que se podem quebrar a qualquer momento, devido a uma outra aproximação excitante. (2013, p. 62)

Como consequência direta, vemos que a chance de uma verdade única, última ou absoluta resta diretamente impugnada. Há uma pluralidade de verdades, assim como há uma pluralidade de ligações e assim uma pluralidade de teorias capazes de descrever os fenômenos.

Para colocar o dito ainda de um outro modo, a noção de ligação então priorizada parece implicar uma relação inusitada ou surpreendente entre pontos sensíveis,

uma combinação que propicie algum tipo de atrito fértil ou iluminador, ao arrepio de quaisquer castas de ideias ou de possíveis hierarquias – já que estas, ao fim e ao cabo, não têm mais sentido (cf. 2013, p. 62).

Nessa perspectiva, elabora-se um pensamento que não tem pejo em se apropriar ou de usar outros pensamentos, bem como de corromper e fazer vazar fronteiras supostamente fixas entre disciplinas, pelo que vemos desfilar no *Atlas*, como não poderia ser de outro modo, um imenso amálgama de autores e de temas. Diremos também que se trata de um texto que, bem longe de desprezar referências, minimiza no entanto toda forma de fundacionismo, valorizando firmemente a noção de fragmento.

Citemos mais uma vez nosso autor:

Não ter, de facto, nenhuma teoria central a apresentar, mas sim várias, que vão surgindo a cada passo, eis uma hipótese de método. Multiplicar as possibilidades de verdade, objectivo possível: multiplicar as analogias, as explicações, as ligações; multiplicar, enfim, as possibilidades de se continuar a pensar. (2013, p. 67)

Continuar a explicar para continuar a pensar. Explicar de uma outra maneira implica variar as ligações e essa variação capaz de aproximar elementos outrora desligados pode gerar, diz Gonçalo lembrando Wittgenstein, um tipo de encantamento especial: “*Ficamos maravilhados com as explicações precisamente porque são ligações*” (2013, p. 66, grifo do autor).

A noção de ligação, percebemos, é extremamente cara a Gonçalo. E há todo um tópico, o terceiro, que integra o segundo capítulo (*O Corpo no Mundo*), que se chama *As Ligações*, no qual o escritor medita sobre tal ideia, levando à frente uma longa problematização. Observemos, aí, alguns pontos mais sensíveis e incisivos quanto às suas colocações.

Começando a discorrer sobre as ligações, Gonçalo se pergunta pelo seu negativo, ou seja, tenta circunstanciar certa condição de desligação. O que está em jogo, de saída, é alguma noção de afeto – vide a epígrafe que se exhibe, “*Estamos sós com tudo aquilo que amamos*”, de Novalis – e o autor inicialmente situa as ligações como próteses psicológicas ou afetivas capazes de ampliar o próprio corpo (cf. 2013, p. 127). De outro modo, o tamanho do corpo depende da quantidade de ligações. Nessa direção, ele postula uma relação entre solidão e liberdade que nos parece, no entanto, algo reativa: “*(...) a sabedoria, desde os estóicos aos mestres budistas, sempre foi firme: destruir ligações ou pelo menos deixá-las cair. Não depender de: objectos, pessoas, hábitos. Desligar-se, portanto*” (2013, p. 129). Como se o aumento de ligações terminasse por diminuir a condição de nossa liberdade. Essa consideração lembra-nos, de imediato, um conjunto de ideias defendidas por um filósofo como Schopenhauer, em sua grande obra *O Mundo como Vontade e Representação*, um dos disparadores do pensamento de Nietzsche, que, aliás e final das contas, se voltará firmemente contra elas – por exemplo, este irá compor a ideia de vontade de potência a partir de considerações quanto ao problema da vontade schopenhauriana, em todo caso aí imprimindo inflexões decisivas e suprimindo-lhe qualquer caráter reativo (cf.

Deleuze, 2018).

Chegamos então ao chamado incorpo: a parte do corpo que se liga, via afetos negativos ou positivos, ao Mundo – pessoas, objetos, animais, lugares, ações-hábitos, segundo o autor. O corpo é carne (fisiologia viva) mais incorpo, carne mais o conjunto de ligações de que essa carne é capaz. Nesse contexto, Gonçalo segue avançando por relações com autores como Novalis, Musil e, sobretudo, Wittgenstein. Com Musil, ele tenta ler *O Homem sem Qualidades* como um homem supostamente desligado de qualidades, no sentido de desligado de hábitos, objetos e pessoas, uma vez que “*não há valores fixos, aquilo que hoje é muito valioso, amanhã poderá tornar-se uma pechincha, e vice-versa*” (2013, p. 136), e de modo que, para esse homem, nada pode ser firme ou fixo. Ratificamos aqui um método que ativa o papel preponderante da imaginação, segundo uma capacidade, conforme já apontado, de unir opostos distantes através de ligações inesperadas, sem ordem prévia ou pré-definida (cf. 2013, p. 137). Tais ligações são, afirma Gonçalo, individuais ou privadas, pois não são de mais ninguém, não são copiáveis, são surpreendentes, feitas pelo que o autor chama finalmente de homens livres, ou seja, pouco afins a formulações fixas, pois que estas emperram o funcionamento da imaginação (cf. 2013, p. 137).

Anotemos: é provável que tenhamos delineado, no parágrafo anterior, alguns dos traços da própria escrita de Gonçalo. Ele liga, liga sem pejo, coisas, ideias, pontos de vista, assuntos, autores... Certamente, ele busca conexões surpreendentes, mas também ricas, férteis, cujas condições de relação possam render, avançar, propor novas visadas e iluminações. Ele busca enfim seguir os resultados de tais ligações desenvolvendo e montando, muitas vezes, até o limite, cadeias de raciocínios e inferências, extraindo o máximo das proposições estabelecidas. Ou seja, o *Atlas* se coloca como um vasto trabalho de *investigação*.

Nessa investigação, há dois pensadores preponderantes, que parecem fiar boa parte da narrativa. O autor mesmo o diz: “*Wittgenstein e Bachelard: os dois autores centrais deste ensaio; os pontos de que não nos afastaremos*” (2013, p. 45). No item sobre as ligações, no entanto, a dupla de heróis é outra – Wittgenstein e Deleuze.

Atentemos por exemplo quanto a um problema relevante, e para usar o termo, aquele da ligação entre mim e o outro, dos caracteres dessa ligação, daquilo, enfim, capaz de estabelecer liga entre os indivíduos. Vejamos a seguinte citação: “*Se o real exterior pode ser discutido, se pode ser alvo de concordância ou discordância, o interior, as sensações individuais, precisamente por indiscutíveis, podem apenas ser colocadas em causa na sua base. Isto é: como podes garantir que sentes?*” (2013, p. 134, grifo do autor). Uma tal proposição envolve o chamado problema de uma linguagem privada, assunto que foi um dos objetos de estudo por parte de Wittgenstein, em um trabalho cujo título não é outro senão *Investigações Filosóficas*. Quanto a esse ponto, lembremos o seguinte: Wittgenstein tecia objeções à existência de uma linguagem privada, isto é, a uma linguagem supostamente capaz de referir e nomear nossos estados mentais internos (dores e sensações, por exemplo), espécie

de linguagem fenomenalista (e não fiscalista) que de algum modo permitisse correção intersubjetiva, ou seja, pública. Existem numerosos trabalhos e interpretações a respeito do problema da linguagem privada em Wittgenstein. Remetemos pois o leitor ao coração do argumento e às objeções por ele propostas, estabelecidas sobretudo a partir do parágrafo 243 das *Investigações Filosóficas* (2017).

Voltando ao *Atlas*, é muito interessante perceber que, mais adiante, ao longo ainda do item acerca das ligações, Gonçalo busca retomar a ideia de ligação numa perspectiva afetiva, fazendo valer agora a relação com a questão incisiva do desejo. Neste instante, Gonçalo usa demoradamente o pensamento do francês Gilles Deleuze, ou então de Gilles Deleuze e Claire Parnet. Ao final, colocando em pauta a leitura que Deleuze propõe de Espinosa, fala do que chama de capacidade de ligação.

Cabe aqui uma nota. É que Deleuze, ele próprio, em sua obra, dispõe toda uma teoria da ligação ou da conexão, tomada, inicialmente, ao filósofo empirista inglês David Hume, desenvolvendo-a em inúmeras direções. A ideia da exterioridade das relações (para falar como o Hume que Deleuze tanto valoriza, por exemplo no item *Sobre o Empirismo*, presente em *Diálogos*), ou a de afeto (que ele usa sobretudo a partir de suas leituras de Espinosa, como podemos asseverar, entre outros lugares, no seu *Espinosa – Filosofia Prática*), são muito caras ao pensador francês. Entretanto, os fragmentos em que Gonçalo se vale de Deleuze nos parecem às vezes um pouco inapropriados, ou até mesmo algo problemáticos. Isso se dá talvez porque há certa especificidade no emprego que Gonçalo parece dele fazer, assimilando demasiado rapidamente algumas de suas proposições e ideias. Essa tessitura enfeixa para nós certa interrogação que tencionamos desenvolver em trabalho futuro: usar Deleuze de outras maneiras não poderia melhor auxiliar Gonçalo rumo à tentativa de apresentação dos elementos de sua própria noção de ligação?

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo caso, é precisamente nesse contexto que Gonçalo afirmará o quanto toda ligação é uma força, um afeto, não uma contemplação. (cf. 2013, p. 156) E para sustentar sua proposição, o escritor português recorre à conhecida interrogação estabelecida por Deleuze em sua leitura de Espinosa: “*O que é que pode um corpo? De que afectos é capaz?*” (2013, p. 156). Eis também por que falávamos, há algumas páginas, da relevância de uma geografia do corpo como lugar de sustentação da própria obra de Gonçalo.

Insistimos que esse ponto confere ao livro em tela uma singularidade de base. Tudo se passa como se nosso autor desejasse recolocar o problema do conhecimento, mas salientando uma noção que foi duramente desprestigiada ao longo da história do pensamento ocidental. Na tradição e na modernidade, pensar bem, pensar corretamente, implicava desconsiderar a condição do corpo, suas paixões e afecções,

sua fragilidade ou transitoriedade, que deveriam ser postas de lado. Isso terminou por redundar sobretudo em idealismos excessivos incapazes de dizer um pouco finamente do mundo e das coisas, pois que desaguavam quase sempre em abstrações generalizantes que deixavam escapar as filigranas e as diferenças mais profundas em jogo.

Na contramão, junto a autores como Wittgenstein, Deleuze e outros, Gonçalo quer reposicionar o corpo na atualidade. Não se perguntará o que é um corpo, mas o que ele pode e de que afetos ou ligações ele é capaz. Para este novo corpo, trata-se de tentar unir coisas a princípio aparentemente desunidas, desligadas. E chegamos assim à imaginação, “*vista não como uma ignorância ou um improviso, mas uma racionalidade, uma racionalidade livre que constrói para si própria uma lógica, uma metodologia*” (2013, p. 33, grifo do autor). É uma espécie de lógica das ligações raras o que Gonçalo busca clarificar no seu *Atlas*.

Finalmente, não deixemos de levar bastante em conta o método de pesquisa que é conduzido pelo autor, de teor fortemente problematizante, como se ele fosse experimentando e testando a potência das ligações paulatinamente propostas, ao longo de exaustivo percurso, de algum modo incerto, hesitante e aparentemente sem juízos apriorísticos de valor, no que vai então expondo e colecionando ideias, por vezes até distantes ou mesmo contraditórias, e assim descartando hipóteses, assumindo outras, mas em todo caso constituindo um itinerário singular de investigação.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Espinosa - Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

TAVARES, Gonçalo M. **Corporeidade, Linguagem e Imaginação – Resumo de Tese de Doutorado**. Disponível em: <<http://bibliotecas.utl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=299419>> Acesso em: 17 de setembro de 2018.

TAVARES, Gonçalo M. **Enciclopédia 1-2-3. Breves notas sobre ciência; breves notas sobre o medo; breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)**. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

